

## Dislexia em músicos: um estudo exploratório

*Gabriel Formagio Perez Garcia<sup>1</sup>*

*Betânia Parizzi<sup>2</sup>*

*Categoria: Iniciação Científica*

**Resumo:** A dislexia é um transtorno da aprendizagem que se caracteriza pela dificuldade no reconhecimento de palavras e pela baixa capacidade de leitura e de soletração. A minha experiência pessoal como músico disléxico serviu de motivação para que eu desenvolvesse esta pesquisa, cujo objetivo foi compreender melhor a dislexia e estudá-la em músicos. Trata-se de estudo exploratório conduzido por meio de uma revisão bibliográfica e de entrevistas semiestruturadas com três músicos disléxicos. Foram analisadas a origem, as causas, os sintomas da dislexia, como os disléxicos aprendem música e os possíveis benefícios que o estudo de música pode trazer para a vida dos disléxicos. Os músicos entrevistados responderam perguntas relacionadas à sua experiência com a dislexia, aos desafios enfrentados e ao papel da música em suas vidas. Concluiu-se que a dislexia é um distúrbio complexo e que a música e o apoio familiar são fundamentais para uma melhor qualidade de vida desses indivíduos.

**Palavras-chave:** Dislexia. Educação Musical. Adaptação. Desenvolvimento. Plasticidade cerebral.

### **Dyslexia in musicians: an exploratory study**

**Abstract:** Dyslexia is a learning disability characterized by difficulty in recognizing words and by low reading and spelling skills. My personal experience as a dyslexic musician served as a motivation for the development of this research whose goal was to better understand dyslexia and study it amongst musicians. This is an exploratory study conducted through a literature review as well as semi-structured interviews with three dyslexic musicians. Studies were conducted on the origin, causes, symptoms of dyslexia, how dyslexics learn music, and what possible benefits music study can bring to the life of dyslexics. The interviewed musicians answered questions related to their experience with dyslexia, the challenges faced and the role of music in their lives. It is concluded that dyslexia is a complex disorder and that music and family support are fundamental for a better quality of life for these individuals.

**Keywords:** Dyslexia. Musical Education. Adaptation. Development. Neural plasticity.

---

<sup>1</sup> Graduando em Música, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Escola de Música, gabrielformagio@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Departamento de Teoria Geral da Música, betaniaparizzi@hotmail.co



## **Introdução**

A palavra dislexia sempre esteve presente em minha vida. Com histórico familiar frequente, meus pais ficaram em alerta, desde muito cedo, para as pistas complexas que acompanham a descoberta desse transtorno. Fui diagnosticado com dislexia visual já na primeira infância e, na idade escolar, comecei a apresentar dificuldades para aprender. Minhas notas eram baixas, mesmo com a atenção especial dos educadores que trabalhavam comigo. Aos 12 anos, comecei a estudar música e meu desempenho na escola melhorou progressivamente. Esta percepção foi mais acentuada no Ensino Médio, pois era visível a minha melhora na leitura e no entendimento das demais disciplinas.

No curso de Graduação em Música, vi a oportunidade de pesquisar e entender melhor esta mudança em minha vida e decidi estudar o assunto com maior profundidade em meu Trabalho de Conclusão de Curso. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender melhor a dislexia e estudá-la em músicos. Os objetivos específicos foram: (1) conceituar dislexia; (2) investigar os desafios enfrentados pelos disléxicos e (3) identificar a influência que a música pode exercer sobre os disléxicos.

Optou-se pela pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Este procedimento permite que o pesquisador amplie seu conhecimento sobre o assunto, favorecendo o desenvolvimento de uma base teórica mais sólida sobre o tema em questão (FANTINATO, 2015). Além disso, o estudo exploratório pode envolver entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado. Assim, além de uma revisão de literatura, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas diagnosticadas com dislexia, que estudaram ou estudam música e que atuam na área musical.

Neste presente artigo, apresentaremos um recorte do referencial teórico estudado, os resultados dos relatos dos três músicos disléxicos entrevistados e as conclusões a que chegamos ao final da pesquisa.



## **1 Sobre a dislexia**

A dislexia é um transtorno neurológico específico de aprendizagem, causado por déficit no processamento fonológico. É caracterizada pela dificuldade na precisão do reconhecimento de palavras e pela baixa capacidade de decodificação e de soletração, além de problemas na compreensão de textos e na leitura (RODRIGUES e CIASCA, 2016).

As causas da dislexia são ainda desconhecidas, porém estudos mostram que, em sua maioria, crianças que possuem familiares portadores desse distúrbio têm mais de 50% de chance de herdar o transtorno (RODRIGUES e CIASCA, 2016). Portanto, a dislexia é considerada um transtorno neurológico, em sua maioria hereditário. Há também a dislexia adquirida, que pode ser ocasionada a partir de uma lesão cerebral como acidentes vasculares, traumatismos e outras doenças neurológicas, sendo mais comum em adultos (PIMENTEL, BOFF e VARGAS, 2019).

Não há especificamente uma forma de tratamento para a dislexia. A ABD - Associação Brasileira de Dislexia - indica o treinamento auditivo em cabine que tem como objetivo “melhorar a compreensão da fala, principalmente em que a presença do ruído de fundo pode atrapalhar, como na escola ou locais de convívio social” (ABD, 2016).

O sintoma mais frequente da dislexia é a ansiedade, provocada principalmente pela dificuldade de ler em voz alta e interpretar textos (PEREIRA e PATUSSI, 2018). Essas dificuldades podem acarretar comparações entre alunos disléxicos e não disléxicos, o que pode gerar ataques de pânico, náuseas, enxaquecas e depressão no disléxico (PEREIRA e PATUSSI, 2018). Além disso, essa pressão e comparação podem levar o aluno a não querer frequentar o ambiente escolar e há, às vezes, uma relação difícil com os colegas de sala, o que pode gerar isolamento social (BONINI, MARI, ANJOS, JOVELINO e TEIXEIRA, 2010).

## **2 Música e Dislexia**

Quando se fala da relação música e dislexia, é importante compreender as modificações que a música pode causar no indivíduo disléxico, tanto de forma orgânica –



áreas do cérebro ativadas pela música -, quanto de forma psicológica – relações sociais, afetivas e de autoestima (BARBOSA, 2012).

## **2.1 A leitura musical do disléxico**

Para compreendermos como o cérebro do disléxico processa a leitura musical, precisamos entender como isso acontece com a leitura de maneira geral.

Segundo Oglethorpe (apud BARBOSA, 2012) o processo de aprendizagem da leitura tem três estágios: (1) reconhecimento dos padrões como um todo, (2) conversão letra-som e (3) aplicação das regras de ortografia e das convenções. Na leitura musical, o primeiro estágio não ocorre, pois, nesse caso, o leitor tem que ir direto à conversão letra-som (onde os disléxicos encontram maior dificuldade). Na leitura convencional, quando lemos um texto automaticamente analisamos o que está escrito. Na música isto não ocorre, pois quando fazemos a leitura musical, nós a executamos fisicamente e não analiticamente (BARBOSA, 2012, p.64).

Partindo deste princípio, constata-se que a leitura da partitura parece ser mais simples do que a textual, pois não possui o estágio de reconhecimento de padrões por não ser verbalizada, mas sim executada. Porém, como dito anteriormente, a maior dificuldade que o disléxico tem é a conversão de letra-som, que é a etapa onde a leitura de partitura começa. Assim, o disléxico poderá ter também déficit de aprendizado de leitura musical em comparação aos não disléxicos.

## **2.2 Música, socialização e dislexia**

O convívio social está intrinsecamente conectado à música desde os tempos mais antigos. Segundo Freire (2010, p.21), “arte e sociedade são conceitos inseparáveis, o que leva à afirmação de que a música e sociedade também o são”.

Hoje, vemos diversas manifestações músico-sociais, como o tocar em conjuntos musicais, assistir a apresentações ao vivo, participar de orquestras, tocar e cantar em família, praticar música em espaços religiosos etc. Segundo Cunha e Pacheco (2011,



p.323), “a música, elemento artístico inserido na dinâmica de vidas concretas, é um fenômeno social, presente na cotidianidade”.

Para o disléxico, a música pode ser um fator importante para o desenvolvimento social, pois o ele pode apresentar dificuldades devido à pressão e às comparações na escola (PEREIRA e PATUSSI, 2018). Segundo Alves (2017), a música auxilia na construção da autoconfiança e nas relações sociais, pois cria um ambiente de comunicação não ameaçador, promovendo uma aprendizagem descontraída. Rocha e Boggio (2013) também apontam que o estudo da música auxilia na socialização e na integração dos indivíduos e Krug (2016) mostra que o estudo musical auxilia na construção da identidade e na autorrealização pessoal.

Sendo assim, a música possui um grande papel no desenvolvimento social do disléxico, podendo prover interações sociais e autoconfiança, que podem ser obstruídas em outros contextos fora do estudo musical.

### **2.3 Música, bem-estar psicológico e dislexia**

A música pode contribuir para o bem-estar psicológico, pois auxilia no humor, sono, na autoconfiança, motivação etc. A música ativa no cérebro centros de recompensa e reduz as concentrações dos hormônios do stress (FREIRE, 2011).

Além de gerar essa sensação de prazer, quanto maior for o compromisso de um indivíduo com a música, maior será a possibilidade de bem-estar mental (MARQUES, 2017). A música pode contribuir para uma maior socialização, desenvolvimento cognitivo, sensação de pertencimento e isso se reflete na saúde mental do estudante de música, como apontam Rodrigues e Rosin (2011).

Assim, a música pode criar para o disléxico um “espaço de pertencimento”, onde as suas dificuldades com a leitura e a escrita não são enfatizadas, o que pode elevar sua autoestima e promover seu bem-estar psicológico.

### **2.4 Plasticidade cerebral e dislexia**



A plasticidade cerebral é o termo usado para a capacidade do sistema nervoso central de se adaptar, modificar a sua organização estrutural e funcional. A adaptação do sistema nervoso permite o desenvolvimento de alterações estruturais em resposta a experiências e estímulos repetitivos (SILVA e KLEINHANS, 2006, p.130).

Barbosa (2012) sugere que a plasticidade cerebral pode atenuar as dificuldades de leitura, através de diversos treinamentos intensivos, com o foco na melhora da velocidade e a precisão da leitura, assim estimulando o córtex plástico a se reorganizar. Rocha e Boggio (2013) indicam que há indícios de que um bom desenvolvimento da discriminação de altura e ritmo possa contribuir para uma boa discriminação fonológica e para um desenvolvimento precoce da leitura.

Muskat (2012) afirma que o estudo musical é, possivelmente, uma ferramenta única para a ampliação do desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. Além disso, a prática musical pode beneficiar o desenvolvimento da coordenação motora do disléxico. Mas como em qualquer estudo, é importante evidenciar a progressividade do aprendizado, para que se respeitem o tempo de absorção e automatização do indivíduo (BARBOSA, 2012).

Assim, a estimulação da plasticidade cerebral através do estudo da música pode ser de grande valia para o disléxico, o que pode contribuir para seu desenvolvimento e para a redução de suas dificuldades com a leitura e escrita.

### **3 As Vozes de três músicos disléxicos**

Como já mencionado, foram entrevistados três músicos disléxicos e, com a finalidade de manter seu anonimato, utilizamos neste trabalho nomes fictícios: Renato, Flávia e Sérgio. A entrevista foi norteada por quatro categorias de assuntos: (1) a descoberta da dislexia, (2) a dislexia na vida escolar, (3) a música na vida dos disléxicos e (4) a dislexia hoje. Cada um desses assuntos será tratado nos itens a seguir.

#### **3.1 A descoberta da dislexia**

Primeiras manifestações e diagnóstico.



Foi possível constatar que os entrevistados tiveram contato com as dificuldades da dislexia entre os 6 e 7 anos de idade. Esse período coincide com o ingresso dos entrevistados no Ensino Fundamental, fato confirmado pelo referencial teórico. Segundo Bonini, Mari, Anjos, Joveliano e Teixeira (2010), as crianças, em sua maioria, não manifestam os “sintomas” da dislexia antes do período de alfabetização, pois ainda não tiveram contato com a escrita. Apenas após o início do período escolar, pais e professores começam a notar os pequenos desvios no desenvolvimento neuropsicomotor. Mas há casos, como o da Flávia que, possivelmente pelo alto grau de dislexia, apresentou sintomas antes da entrada no Ensino Fundamental.

Outros problemas enfrentados pelos músicos foram psicológicos e sociais. Como mostrado por Pereira e Patussi (2018), por causa das comparações e auto comparações, os disléxicos sentem-se envergonhados e emocionalmente confusos e isso pode acarretar outros problemas de saúde.

O diagnóstico da dislexia ocorreu de forma diferente entre os entrevistados. Enquanto Renato foi diagnosticado aos 8 anos de idade, Sérgio e Flávia só tiveram o diagnóstico aos 17 anos. Todos foram diagnosticados por fonoaudiólogos. Dos três entrevistados, apenas Renato teve acesso ao tratamento adequado quando criança, o que de fato o auxiliou em seus estudos.

Já Flávia e Sérgio, diagnosticados tardiamente, aprenderam a se adaptar a suas dificuldades. Segundo Teles (2004) o disléxico tem uma boa capacidade de adaptação e isso o auxilia na vida escolar, pois como não conseguem desenvolver uma boa leitura e escrita, têm que desenvolver outras formas para aprender a lidar com o transtorno.

Após o diagnóstico, dois dos entrevistados relataram um certo alívio emocional. Enquanto Flávia demonstrou um grande alívio ao encontrar respostas para as suas diferenças, Renato demonstrou um desafogo por conta do tratamento. Já Sérgio não apresentou mudanças com o diagnóstico, mas essa descoberta o ajudou a desenvolver novas formas de lidar com a leitura, tanto a tradicional quanto a musical.

Repercussão familiar



Um fator muito importante para o desenvolvimento do disléxico é o auxílio da família. Segundo Gonçalves (2019) a família e a escola têm um papel de extrema importância para o desenvolvimento acadêmico do disléxico, para que a dislexia não se torne mais um fator de impedimento.

Os entrevistados tiveram acolhimento diferente dos pais. Sérgio é filho único e foi criado apenas pela mãe, que não tinha condições financeiras de ajudá-lo muito. Flávia, por sua vez, teve dois extremos. Sua mãe sempre a compreendeu e a auxiliou: a incentivava a estudar; a inscrevia em diversas atividades, como artes marciais, dança, aulas de japonês etc. Inclusive foi ela que a inscreveu nas aulas de música. Já seu pai parecia não entender as dificuldades da filha.

Renato conta a reação de sua família antes e depois do diagnóstico. Ele tem um irmão gêmeo sem dislexia e, por conta disso, seus pais faziam comparações e não compreendiam o porquê de seus filhos serem tão diferentes na escola. Com o diagnóstico, Renato foi tratado por seis meses apenas, pois o plano de saúde do seu pai não cobria esse tratamento. Esse curto período o ajudou a desenvolver uma leitura um pouco mais dinâmica, mas seus pais continuaram a ter dificuldades para compreender suas dificuldades. Por isso, Renato teve que achar outros meios de se adaptar sem contar muito com o auxílio da família.

Como podemos notar, os entrevistados tiveram pouco apoio familiar com a sua dislexia, o que, infelizmente, pode ter dificultado o desenvolvimento dessas pessoas em relação às suas dificuldades, fato reforçado pela literatura.

### **3.2 A dislexia na vida escolar**

Como já visto anteriormente, a área mais afetada no disléxico é a aprendizagem, principalmente em relação à leitura e escrita (BONINI et al, 2010; LIMA, SALGADO e CIASCA, 2011; PEREIRA e PATUSSI, 2018; RODRIGUES e CIASCA, 2016; ROTTA et al, 2006). Mas a vida escolar dos disléxicos vai além das dificuldades de aprendizagem, como veremos a seguir.





## As dificuldades acadêmicas

Assim como a grande maioria dos disléxicos, os entrevistados apresentam diversas dificuldades em sua vida escolar, principalmente aquelas relacionadas à leitura em voz alta, aos ditados, à compreensão dos textos e de números (PEREIRA e PATUSSI, 2018; COELHO, 2012).

Renato evidenciou bastante a sua dificuldade de leitura em voz alta e com ditados. Flávia tinha também dificuldade com a leitura, mas o que mais a incomodava era a interpretação de texto. Já Sérgio relatou que se adaptou muito rápido às dificuldades escolares por conta das exigências de sua mãe com seu aprendizado. Mesmo assim, algumas dificuldades sempre o afetaram: ler em voz alta para os colegas, não conseguir compreender o que estava escrito e localizar trechos de textos em algum livro.

Todos relataram uma incompreensão de números, que é mais conhecida como discalculia. Segundo Coelho (2012), na maioria dos casos de dislexia, a discalculia está presente, principalmente na dificuldade de assimilação de símbolos e de memorização da tabuada.

Renato relata que suas maiores dificuldades no ensino médio foram as matérias de Matemática, Física e Química. Flávia conta que logo após começar a desenvolver melhor a leitura e a escrita, sua dificuldade com os números ficou evidente. Porém, Flávia apresenta uma grande desenvoltura para fazer cálculos, mas não da forma como o professor pedia em sala. Segundo Caldonazzo et al (2006), os disléxicos se adaptam aos algoritmos matemáticos e desenvolvem uma forma de calcular mentalmente, mas quando pressionados a representar graficamente encontram dificuldades. Já Sérgio sempre teve dificuldade com os números, mas diferente de Flávia, nunca se adaptou aos cálculos.

## Aspectos psicológicos e sociais

Quando abordados sobre o seu estado psicológico, dois dos entrevistados relataram problemas. Renato, por ter um irmão gêmeo, disse que as comparações em sala



de aula sempre foram muito evidentes. Enquanto o seu irmão avançava nos anos escolares, ele repetia o ano, o que, segundo ele, lhe gerou uma predisposição à depressão.

Flávia teve sintomas mais graves, desenvolveu uma síndrome do pânico e isso fazia com que ela criasse uma aversão ao ambiente escolar. Segundo Silva (2009), se o disléxico não é diagnosticado ou se não é feita uma intervenção correta, a criança pode desenvolver uma aversão à escola, o que pode culminar na saída do aluno da escola. Já Sérgio conta que sua dislexia não o afetou muito psicologicamente.

Quando abordados sobre o convívio social escolar, os entrevistados relatam diferentes perspectivas. Renato relata que, no início da vida escolar, o fato de que ele se “travava” ao ler textos em voz alta o incomodava, pois sua dificuldade acarretava risadas dos colegas e o constrangia, como já visto anteriormente. Mas como foi diagnosticado muito jovem, isso contribuiu para que ele não precisasse fazer esse tipo de leitura com frequência, o que atenuou suas dificuldades de interação social.

Flávia teve problemas sociais mais graves. Devido ao seu alto grau de dislexia, ela foi desenvolver a fala tardiamente e isso contribuiu para a sua baixa socialização. Devido às dificuldades na escola decorrentes da dislexia, Flávia acabou desenvolvendo um complexo de inferioridade e isso só aumentou sua dificuldade de socialização, a tal ponto que na sua infância ela só brincava sozinha. Diferente de Flávia e Renato, Sérgio não encontrou dificuldades de socialização que estivessem ligadas à dislexia.

#### Adaptações na escola

Algo muito presente na vida dos disléxicos é o fato de que, por causa de suas dificuldades, o indivíduo tem que se adaptar para conseguir um melhor desenvolvimento na vida e na escola. Como já vimos, os disléxicos têm uma grande capacidade de adaptação (TELES, 2004) e com os nossos entrevistados não foi diferente.

Renato começou a se preparar antes das apresentações na escola, decorando os textos e fazendo resumos e, com isso, conseguiu uma melhor desenvoltura. Flávia se adaptou de uma forma interessante, usando a música. Para ler melhor, começou a criar



melodias e cantarolar os parágrafos que lia, isso a ajudava a decorar os textos. A discalculia também foi adaptada usando a música, que a ajudava a entender melhor os números. Flávia começou a transformá-los em notas musicais e isso a ajudou a concluir o Ensino Médio. Sérgio teve uma adaptação bem parecida com a de Renato. Ao perceber a sua dificuldade com a leitura, começou a ler os livros escolares inteiros antecipadamente. Com isso, Sérgio desenvolveu o hábito de sempre se adiantar muito com tudo que se relacionasse à aprendizagem.

### **3.3 A música na vida dos disléxicos**

#### Primeiro contato com a música

Cada um dos entrevistados iniciou seu aprendizado musical numa idade diferente. Sérgio começou aos seis anos de idade, cantando em igrejas como solista. Renato iniciou seus estudos musicais aos dez anos, quando seus pais o colocaram na aula de música por sugestão da pedagoga. Com isso, começou a estudar teclado em aulas particulares e depois passou a estudar flauta transversal em uma escola de música. Flávia iniciou seus estudos musicais aos onze anos, por iniciativa de sua mãe que a inscreveu em aulas de violino de um projeto social, mas por falta de vagas Flávia estudou percussão.

Renato focou nos instrumentos de sopro, tais como flauta e o oboé. Sérgio seguiu o estudo do canto e Flávia se apaixonou pela percussão. Apesar das diferenças entre os instrumentos dos entrevistados, todos seguiram um mesmo estilo musical, a música erudita.

#### Motivações para o estudo de música

O estudo musical foi levado mais sério pelos nossos entrevistados na fase da adolescência. Mas todos tiveram um fator motivacional diferente que os levou a aprofundar os seus estudos musicais e até seguir a carreira como músicos profissionais.

Sérgio sempre sonhou e desejou ser “o melhor do mundo” em alguma área. Aos seus doze anos de idade, teve contato com uma professora de música que soube trabalhar o seu registro vocal e que o incentivou a seguir a carreira de cantor erudito.



Flávia já na primeira aula de música se identificou e sabia que não poderia fazer outra coisa a não ser tocar percussão. Segundo a entrevistada, foi a primeira vez que ela soube que era “boa” em alguma atividade. O interessante é que ela não teve dificuldades com os símbolos musicais, assim como também não apresentou dificuldade com o japonês na infância. A entrevistada relata que possui uma leitura fluente na língua ideográfica e nunca apresentou dificuldade em compreender os símbolos do alfabeto japonês. Segundo Barros (2003, p.37) os disléxicos possuem dificuldades na decifragem de códigos. No japonês isso não ocorre, pois os ideogramas não exprimem som e sim ideias de palavras, o que pode justificar a baixa porcentagem de disléxicos no Japão.

Renato notou que tinha uma conexão com a música, desde pequeno já sabia que queria aprofundar seus conhecimentos nessa área, mas ele teve um percurso musical diferente dos demais. Após ter estudado flauta, decidiu tocar oboé. Porém com os inúmeros fracassos na tentativa de ingressar no Curso de Bacharelado em Música, fracassos atribuídos à dislexia, Renato abandonou a música por dezessete anos e só foi ingressar no Curso de Música aos trinta e sete anos de idade, incentivado por sua psicóloga.

Facilidades e dificuldades com a música (possivelmente relacionadas à dislexia)

Os participantes relataram dificuldades e facilidades em relação ao estudo e à prática musical, atribuídas por eles à dislexia. Flávia relatou que sempre teve facilidade com a leitura musical; consegue ler dois compassos à frente do que está tocando. Em contrapartida, apresenta aversão a músicas dissonantes e dificuldade à estrutura de ensino da universidade. Obras atonais e dissonantes lhe causam “coceiras, tonturas e enjoos”. Apesar da entrevistada inferir que essa aversão esteja ligada à sua dislexia, não foi possível encontrar artigos que as relacionem. Quanto à outra dificuldade, ela disse que alguns professores parecem não compreender a forma com que ela enxerga a música e acabam por esperar que ela compreenda a música como eles próprios, fato que pode ocorrer com frequência com alunos disléxicos no ambiente escolar (CARRERA, 2016).



Renato, por sua vez, não apresentou nenhuma facilidade nos seus estudos musicais que possa atribuir à sua dislexia. Assim como na leitura tradicional, Renato tem grande dificuldade com a leitura de partitura. Para ter uma boa leitura, Renato fragmenta a partitura em blocos e estuda, parte por parte, toda a música.

Sérgio também não atribuiu nenhuma facilidade nos estudos musicais à dislexia, apenas à sua adaptação de preparar todos os seus estudos com muita antecipação. Em relação às dificuldades, Sérgio e Renato apresentaram problemas com a percepção musical, principalmente com ditados e leitura de partituras. Por essa razão, ele utiliza muito mais a sua audição para estudar suas peças, o que é uma forma de adaptação e, como vimos, é um bom artifício dos disléxicos (TELES, 2004).

#### A influência da música nos estudos acadêmicos

Renato conta que foi notável a influência do estudo musical em seu percurso escolar. A sua concentração aumentou e foi perceptível a melhora de seu desempenho escolar. Renato começou a tirar notas melhores e a passar de ano. Em relação à socialização, após apresentar-se tocando flauta na escola, ele se sentiu acolhido e admirado pelos colegas, o que o ajudou a socializar-se.

Flávia apresentou mudanças significativas na escola após iniciar seus estudos de música. Sua desenvoltura com a matemática teve um grande avanço, pois ela começou a transformar números em notas musicais. Da mesma forma, sua leitura também se desenvolveu, pois ela transformava parágrafos em pequenas canções. Mas o seu maior desenvolvimento foi no âmbito social. Após o seu contato com a música, começou a dialogar mais com os colegas.

Para Sérgio, como a música sempre esteve presente desde os seus seis anos de idade e o acompanhou antes e durante o percurso escolar, seu bom desempenho na escola pode ter sido um reflexo de seus estudos musicais.

### **3.4 A dislexia hoje**



Renato, aos vinte anos, abandonou a música pela dificuldade em passar no vestibular. Seu pai, na época, fazia o curso superior de Belas Artes e Renato começou a acompanhá-lo nas aulas. Inspirado pelo pai, comprou uma câmera fotográfica e começou a fazer trabalhos para amigos. Com o tempo, ele ingressou profissionalmente na área de fotografia e eventos e segue essa carreira até hoje. Segundo o entrevistado, a dislexia contribuiu para o seu sucesso na carreira de fotógrafo, pois, para ele, sua percepção visual é mais desenvolvida que a auditiva.

Aos trinta e sete anos, a depressão de Renato se elevou e sua psicóloga sugeriu que ele voltasse a estudar música. Hoje Renato faz um curso de Graduação em Música, lida bem mais tranquilamente com o seu transtorno. Ele fez diversas adaptações no sentido de “driblar” a dislexia, como ler textos apenas para si e fragmentar a partitura para obter uma leitura melhor. Como aponta a literatura, os disléxicos se adaptam às suas dificuldades de maneira criativa, muitas vezes sem saber de seu transtorno (FERREIRA e RUBIO, 2009)

Já Flávia, pelo alto grau de dislexia, encontra dificuldades maiores do que os demais entrevistados. Segundo ela, além da dificuldade com leitura e escrita, tem problemas com atividades do cotidiano, como fazer múltiplas tarefas simultaneamente, dificuldades com a coordenação motora fina, localização de objetos dentro de casa e desorientação espacial. Segundo Okuda et al (2001) disléxicos podem apresentar atrasos no desenvolvimento da coordenação fina, o que pode prejudicar certas ações motoras.

Hoje, Flávia é aluna de um curso de Graduação em Música e desenvolveu diversas adaptações para a sua dislexia em seu dia a dia, tais como: guardar objetos em locais de fácil acesso, memorizar alguns pontos nas ruas para não se perder, não mudar as rotas que costuma utilizar, fazer tarefas que não dependam de múltiplas funções e ler em voz alta para memorização de textos.

Sérgio ainda tem dificuldades com a leitura de partitura e percepção musical. Para lidar com os textos, utiliza um programa que os transforma em áudios, o que facilita sua assimilação. Já para a aprendizagem de peças musicais, ele utiliza áudios em MIDI das



obras. Assim como Flávia, Sérgio também tem desorientação espacial, com dificuldade em se localizar em ambientes desconhecidos. Para não se perder, ele se prepara com antecipação, pesquisando as melhores rotas. Como vimos, esse preparo antecipado é uma adaptação que o entrevistado carrega consigo até hoje. Trabalhos ou leitura de textos são sempre preparados com antecipação. Sérgio é aluno de Graduação em Música, vencedor de diversos prêmios e se prepara para uma vida profissional bem-sucedida.

A partir do referencial teórico estudado e dos dados obtidos nas entrevistas, foi possível chegar a algumas conclusões que serão apresentadas a seguir.

### **Conclusões**

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender melhor a dislexia e estudá-la em músicos. Após o estudo do referencial teórico selecionado e dos relatos dos entrevistados foi possível chegar a algumas conclusões.

A primeira delas é que a dislexia, mesmo apresentando características comuns entre os músicos disléxicos entrevistados, apresenta também características singulares. Foi possível identificar nos três músicos os mesmos sintomas relacionados à dificuldade de leitura e escrita e a sua melhora com o estudo musical. O que mais divergiu entre os entrevistados foram as dificuldades em seus contextos sociais e escolares, pois cada um deles relatou ter tido dificuldades diferentes. Entretanto, todos afirmaram que a música os auxiliou de forma positiva, principalmente, em sua socialização.

Outra conclusão foi que a dislexia é um transtorno complexo que apresenta padrões variáveis que dependem do contexto social, do suporte no ambiente escolar, e da forma como a família reage e aborda a questão. Foi importante constatar que o estudo da música pode influenciar de forma benéfica o desenvolvimento da pessoa disléxica e melhorar sua qualidade de vida. Este transtorno necessita ser observado com mais veemência, para que seja possível ampliar as pesquisas, principalmente aquelas sobre as relações da dislexia com a prática musical.



Durante todo o percurso da minha vida até o momento em que concluí esse trabalho, percebi a importância psicológica que o suporte familiar traz para a vida de um disléxico. O apoio e o incentivo são os fatores de maior auxílio para a melhora dos sintomas (como as dificuldades de leitura e escrita), assim como o amparo psicológico que é a base para a inclusão social. Apesar de ter passado por vários problemas semelhantes aos dos entrevistados, quando estava em família me sentia capaz de lutar e de ir atrás de possibilidades de melhora.

Espero que a dislexia seja mais estudada no meio acadêmico e que os educadores aprendam como agir diante de alunos disléxicos. Os professores que fizeram parte do meu caminho foram de grande importância, pois sempre me auxiliaram com as minhas dificuldades. Nós, como educadores, precisamos estar preparados para lidar com as diferenças, para que não haja mais crianças padecendo apenas por aprenderem de forma diferente.

Menciono aqui o filme “Como estrelas na terra”, que mostra claramente esta realidade dos disléxicos em uma sociedade que não compreende a dislexia.

A dislexia me trouxe até aqui e sei que pode me levar mais longe.

## Referências

ALVES, Ricardo José Miranda. **A dislexia na aprendizagem da música**. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Música de Lisboa, 2017.

ASSMANN, Mariane; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. Musicalização no contexto da educação infantil. **Eventos Pedagógicos**, v. 2, n. 2, p. 142-151, 2011.

BARBOSA, Maria Luiza Santos. **Música e dislexia**: uma revisão integrativa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BARROS, Idelzulene Pereira. **Compreendendo o mundo do disléxico**: análise teórica. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza., 2003.

BONINI, Flávia Vianna et al. Problemas emocionais em um adulto com dislexia: um estudo de caso. **Revista Psicopedagogia**, v. 27, n. 83, p. 310-322, 2010.





CALDONAZZO, Anelise; SALGADO, Cíntia Alves; CAPELLINI, Simone Aparecida; CIASCA, Sylvia Maria. Desempenho na resolução de problemas envolvendo o conceito aditivo em sujeitos com dislexia do desenvolvimento. **Revista Psicopedagogia**, 23(71), 116-123, 2006.

CARREIRA, Fátima Kleidir do Nascimento. **Reflexões sobre dislexia e o papel do professor**. Trabalho Monográfico em Educação. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

COELHO, Diana Tereso. Dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia. In: DORNELLES L.V.; FERNANDES. N. (Org.), **Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança**: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras, 2012, p. 612-628.

CUNHA, Rosemyriam; PACHECO, Maria Carolina dos Santos Cruz. Música na vida cotidiana. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v.7, p. 319-334, jan./jun. 2011 a.

FANTINATO, Marcelo. **Métodos de pesquisa**. São Paulo: USP, 2015.

FERREIRA, Lúcia Aparecida; RUBIO, J. A contribuição da música no desenvolvimento da psicomotricidade. **Revista eletrônica saberes da educação**, v. 3, n. 1-2012, 2012

FIRST, Michael B.; FRANCE, Allen; PINCUS, Harold Alan. **DSM-IV-TR guidebook**. American Psychiatric Publishing, Inc., 2004.

FREIRE, Inês da Silva. **A música como promotora do bem-estar psicológico na adolescência**. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, 2011.

FREIRE, Vanda Lima Bellard et al. Música e sociedade. **Revista da ABEM**, n 1. p 122-130, 1992.

GONÇALVES, Mariana Aparecida Fonseca. A dislexia no ensino fundamental. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 3, p. 648, 2019.

HENTSCHKE, Liane et al. Motivação para aprender música em espaços escolares e não-escolares. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 10, n. esp., p. 85-104, 2009.

HERNANDEZ, José Mauro da Costa; CALDAS, Miguel P. Resistência à mudança: uma revisão crítica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 31-45, 2001.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. **Revista da ABEM**, v. 11, n. 9, 2014.

LIMA, Ricardo Franco de; SALGADO, Cíntia Alves; CIASCA, Sylvia Maria. Associação da dislexia do desenvolvimento com comorbidade emocional: um estudo de caso. **Revista CEFAC**, v. 13, n. 4, p. 756-762, 2011.



MANZINI, Eduardo José. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 10, 2004.

MARQUES, Paula Alexandra Ramalho. **A influência da música na saúde mental e bem-estar: um estudo exploratório**. Tese de Doutorado. Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2017.

MUSZKAT, Mauro; CORREIA, Cleo MF; CAMPOS, Sandra M. Música e Neurociências. **Revista Neurociências**, v. 8, n. 2, p. 70-75, 2000.

OKUDA, Paola Matiko Martins et al. Coordenação motora fina de escolares com dislexia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. **Revista Cefac**, v. 13, n. 5, p. 876-885, 2011.

PEREIRA, Lucelia da Silva; PATUSSI, Raquel Languas Greco. **Dislexia x autoestima: no cérebro de um disléxico**. Curitiba: UNINTER, 2018.

PIMENTEL, Bianca Nunes; BOFF, Uiliam Ferreira; DE VARGAS, Marta Romero. Características neuro anatômicas e linguísticas na dislexia adquirida. **Distúrbios da Comunicação**, v. 31, n. 2, p. 187-195, 2019.

RIBEIRO, Stefanie Knabben et al. **Desmistificando a dislexia: pequenas adaptações para grandes habilidades**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC. 2009.

ROCHA, Viviane Cristina da; BOGGIO, Paulo Sérgio. A música por uma óptica neurocientífica. **Per musi**, p. 132-140, 2013.

RODRIGUES, Carmen Aguera Munhoz; ROSIN, Sheila Maria. **A importância do ensino de música para o desenvolvimento infantil**. Maringá: UEMA, 2011.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016.

ROTTA, Newra Tellechea; PEDROSO, Salvador Fleming. Transtorno da linguagem escrita-dislexia. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILE, Lygia, RIESGO, Rudimar dos Santos (Orgs). **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**, 2006, p. 151-164.

SANTOS, Regina Marcia Simão. Aprendizagem musical não-formal em grupos culturais diversos. **Cadernos de Estudo-Educação Musical**, n. 2/3, p. 1-14, 1991.

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; KLEINHANS, Andréia Cristina dos Santos. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. **Revista Brasileira de educação especial**, v. 12, n. 1, p. 123-138, 2006.



SILVA, Sther Soares Lopes da. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. **Revista Psicopedagogia**, v. 26, n. 81, p. 470-475, 2009.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. Produção e consumo social da beleza. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 16, p. 189-220, 2001.

TELES, Paula. Dislexia: como identificar? Como intervir? **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 20, n. 6, p. 713-30, 2004.

VASCONCELOS, Diva Helena Frazão de. **Dislexia e escola**: um olhar crítico sobre a equipe multidisciplinar e sua relação com as práticas pedagógicas tendo como foco o professor. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.